



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## O grito LGBTQIAPN+ ouvido do Rio de Janeiro contra o cisheteroterrorismopatriarcal: políticas, poderes e pedagogias do corpo

Arthur Marques de Almeida Neto<sup>I</sup>

Jerônimo Vieira de Lima Silva<sup>II</sup>

Nilton Abranches Junior<sup>III</sup>

**Resumo:** Discute-se sobre a cidade do Rio de Janeiro como território marcado pela necropolítica na gestão estatal e paraestatal - com a ação das milícias e do tráfico de drogas - de extermínio de corpos não hegemônicos, em dissidência ao cisheteropatriarcado, à branquitude e à cristandade. Soma-se ao argumento a contextualização histórica desse espaço como palco de manifestações políticas de diversas correntes ideológicas. Propõe-se que a população LGBTQIAPN+ lida com as investidas constantes e sistemáticas que têm como principais aliados o silenciamento e a invisibilidade, dispositivos usados como armas para instalação do heteroterrorismo. Como proposta militante, a discussão exorta a sororidade entre sujeitos LGBTQIAPN+, como partícipes de uma ética Bixa. Apresenta-se uma pedagogia do corpo constituída por uma gramática de vocábulos ternários, para uso indisciplinar. Busca-se a desinterdição de espaços públicos e privados, em associações micropolíticas aguerridas na/pela ética Bixa.

**Palavras-chave:** Cisheteroterrorismopatriarcal; Gênero; Sexualidades; Poder; Políticas do corpo.

### The LGBTQIAPN+ cry heard from Rio de Janeiro against patriarchal cisheteroterrorism: policies, powers and pedagogies of the body

**Abstract:** The city of Rio de Janeiro is discussed as a territory marked by necropolitics in state and parastatal management - with the action of militias and drug trafficking - of extermination of non-hegemonic bodies, in dissent to cisheteropatriarchy, whiteness and Christianity. Added to the argument is the historical contextualization of this space as a stage for political manifestations of different ideological currents. It is proposed that the LGBTQIAPN+ population deals with the constant and systematic attacks whose main allies are silencing and invisibility, devices used as weapons for the installation of heteroterrorism. As a militant proposal, the discussion exhorts sorority between LGBTQIAPN+ subjects, as participants in a Bixa ethics. A pedagogy of the body is presented, constituted by a grammar of ternary words, for indisciplinable use. The aim is to disinterdict public and private spaces, in micropolitical associations committed to/by the Bixa ethics.

**Keywords:** Patriarchal Cisheteroterrorism; Gender; Sexualities; Power. Body politics.

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

## Apresentação

Comemora-se, no ano corrente, o bicentenário da Independência, ofuscado por um processo eleitoral que desvia para o autoritarismo totalitário, ameaçador do sistema democrático brasileiro, iniciado com a posse de Jair Messias Bolsonaro, em 2019. Nesse sentido, 2022 assume um importante significado na história da recente democracia do país. Escreveu-se essas linhas no dia Sete de Setembro de 2022, quando as comemorações relativas à data, por determinação do mencionado ocupante do cargo de Presidente da República, foram deslocadas para a Praia de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro se apresenta enquanto um território dominado pela milícia e pelo tráfico de drogas<sup>IV</sup> e tem tido a necropolítica<sup>V</sup> enquanto base de seu processo de gestão territorial. Ações estatais e paraestatais de extermínio de corpos não hegemônicos, em dissidência ao cisheteropatriarcado, à branquitude e à cristandade, são frequentemente difundidas pela imprensa. O território carioca é marcado por recortes espaciais onde impera o estado de exceção, fruto de um proposital movimento segregador promovido por um urbanismo estilizado.

Enquanto capital da república, ao longo de sua história, tem se caracterizado como espaço de manifestações políticas de diversas correntes ideológicas. Há cem anos, foi palco do movimento da tentativa de golpe arquitetado por um grupo de militares contra Epitácio Pessoa e Washington Luiz. O evento malsucedido, marcado pelos “18 do forte”, teve o forte de Copacabana como símbolo associado ao movimento golpista. Coincidentemente ou propositalmente, cem anos após a tentativa de golpe mencionada, para comemorar o bicentenário da independência, Bolsonaro resolve perfilar vinte e dois navios na costa em frente à Copacabana, convocando oitocentos simpatizantes, pilotando *jet-skis* no mar em frente ao forte, e promover uma salva de tiros de canhão partindo das dependências do Forte de Copacabana. O simbolismo das escolhas deve ser visto com muita atenção, principalmente, a partir da leitura da Carta da Universidade de São Paulo, de onze de agosto de 2022, em prol da manutenção do Estado de Direito no Brasil, face às diversas ameaças desferidas, por parte do mandatário da república, contra a democracia ao longo dos últimos quatro anos.

A partir do exposto, fala-se aqui sobre democracia e pergunta-se: democracia para quem? Foca-se nas pessoas LGBTQIAPN+ e os artifícios utilizados pelo Estado brasileiro para a invisibilidade e silenciamento desses corpos. Opta-se por usar a sigla com sua atual configuração, uma vez que, no contexto sociopolítico-histórico-cultural brasileiro atual, trata-se de uma necessidade pedagógica: cada identidade precisa ser reconhecida.

Aponta-se que o uso da sigla com referência a um número maior de identidades de gênero não invalida a promoção de uma ética Bixa, tal qual sugere Vidarte<sup>VI</sup>. O argumento se vincula às propostas libertárias para uma militância LGBTQ, tal qual se apresenta no subtítulo de seu livro. Ainda, concebido no contexto já apresentado, a questão proposta está contaminada pelas ideias de uma vida Bixa, que tem sido discutida em encontros promovidos pelos coletivos e pelos movimentos sociais, e por poucas Bixas que heroicamente conseguiram chegar à academia e não se dobraram ao cisheteropatriarcado.

Ser Bixa é um modo de se posicionar no mundo e se relacionar com ele, algo relevante para instalar o sentido de militância e para escrutinar a questão da democracia em relação aos artifícios silenciadores dos discursos dos sujeitos LGBTQIAPN+ e, conseqüentemente, apagadores de suas existências. Portanto, transcende o fato simples e subjetivo de com quem se escolhe fazer sexo. Ser Bixa é, antes de tudo, um ato político. Escrito por Bixas, esse texto é, de

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

partida, uma materialidade ideológica - no sentido althusseriano -, ancorado na política dos corpos e corpos políticos, reconhecidos em cada letra da sigla do movimento, em torno da luta para a manutenção da existência, resistência, visibilidade, representatividade - e respeito.

Ser Bixa no Brasil é, além de um ato político, um ato de extrema coragem. Viver num país que desrespeita, desconhece e ameaça as pessoas que divergem da heteronormatividade exige o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência por parte daqueles que são violentados. É preocupar-se em defender a vida, mesmo que, para isso ser inteligível pelo Estado, seja através do direito. Dessa forma, a defesa da vida é também representada pela coragem de denunciar as violências às quais as pessoas LGBTQIAPN+ têm sido submetidas cotidianamente no Brasil por décadas. Sim! É de um país - que uma minoria conhece bem - que aqui se trata: um país (con)formado no cisheteropatriarcado hegemônico e LGBTfóbico.

Escolhe-se o uso de uma linguagem direta, simples, o que não significa que seja simplória. Não se pretende escrever para outros acadêmicos, doutores e pós-doutores. Procura-se uma escrita didática, com base na pedagogia, com intuito de promover associações e reconhecimentos: interpelações. Por isso, talvez se aproxime de um manifesto, de um panfleto, para que se possa reduzir o cansaço das leituras e o tamanho dos egos de quem escreve. Como já dito, parte-se de uma proposta de ativismo acadêmico, tão necessário num país onde, inclusive, há pessoas que ainda sentem saudade da corte e, pasme-se (!): da ditadura.

Concebeu-se três partes distintas. A primeira, faz referência a tentativa da usurpação de um território marcado pela coexistência de uma diversidade de corpos, com forte presença LGBTQIAPN+, por um movimento protagonizado por Jair Messias Bolsonaro, representante da extrema direita fascista brasileira. A segunda parte, apresenta o movimento de usurpação de outros territórios a partir da repressão e da criminalização de práticas artísticas e produções acadêmicas. O heteroterrorismo<sup>VII</sup> se apresenta enquanto estratégia de opressão e silenciamento, atuando enquanto uma prática higienista de gestão do território.

Enquanto hipótese, pensa-se a construção de uma nova gramática capaz de responder questionamentos atuais da sociedade brasileira. Por fim, apresenta-se o movimento de articulação micropolítica existente no Rio de Janeiro, enquanto espaço processual e dialógico dessa nova gramática em formação, mas, especificamente, os espaços de diálogo promovidos pelo Grupo de Pesquisa GEOCorpo, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com a participação e colaboração com outros pesquisadores de outras universidades e de outros grupos de pesquisa, a saber, o Grupo de Estudos e Pesquisa ARCOPODER, Artes do Corpo, Políticas e Poderes, da Universidade Federal da Paraíba.

### **O silenciamento e a usurpação do território**

A Praia de Copacabana é um espaço internacionalizado, disseminado mundo a fora. É um produto turístico consumido mundialmente. Está presente em diversos filmes, músicas e inspiração de outras tantas obras artísticas. É a representação simbólica da cidade do Rio de Janeiro.

Copacabana é um símbolo da liberdade de costumes, da convivência das diferenças, um caldeirão de relações socioculturais. Um espaço que representa práticas democráticas de livre discurso, de liberdade de circulação de uma diversidade de corpos, da coexistência de diferentes sexualidades. Copacabana também se configura enquanto um território onde se configuram disputas, mas também onde acontecem associações.

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

É na diversidade de desses corpos em circulação que se pode construir as associações micropolíticas<sup>VIII</sup>. Somente com a garantia do livre ir e vir, e do livre falar e pensar, é que os sujeitos podem se reconhecer uns nos outros. É nesse ponto das associações que se quer chegar.

As pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, historicamente, não têm sua espacialidade reconhecida. São corpos marcados por injustiças, escárnios e todo o tipo de violência. Borrillo<sup>IX</sup> oferece uma exaustiva discussão acerca dos tipos de violência as quais estes sujeitos estão vulneráveis. O Brasil apresenta um cenário nada favorável para estas pessoas. É o país que mais mata pessoas que divergem da heteronormatividade e que não reconhece direitos básicos das pessoas LGBTQIAPN+, tais como: saúde, educação, trabalho e moradia. É um lugar que ainda interdita espaços de poder e de tomada de decisão a estas pessoas, mesmo que já se tenha uma quantidade significativa de sujeitos qualificados para ocupar tais cargos.

A LGBTQIAPN+fobia está presente na estrutura da sociedade brasileira. Está presente nos diferentes poderes da república, assim como nas diferentes instituições, firmas e fundações. Está entranhada no serviço público e na esfera privada. É tão severa que o Estado brasileiro nem se quer tem a curiosidade de saber qual o percentual da sua população que diverge da heterossexualidade.

A exclusão do Censo Demográfico é a negação oficial da existência dos sujeitos. O que não existe numericamente, parece não importar: essa ação indica o apagamento de qualquer possibilidade de reconhecimento e de formulação de políticas públicas que permitam garantias de direitos civis básicos. Aliás, a não formulação de políticas públicas específicas, deve ser considerada, nesse caso, como uma política pública de silenciamento e invisibilidade, promotora da vulnerabilidade e do extermínio. Se esses sujeitos não existem oficialmente, o Estado não tem com o que se preocupar.

Além de ser um Estado violento, conivente com a matança, com as injustiças, com as violências simbólicas, psicológicas e materiais, é um Estado que debocha da existência do outro. O deboche aparece na fala jocosa, preconceituosa e repleta de violência do chefe do poder executivo nacional, aparece nos discursos LGBTQIAPN+fóbicos proferidos por parlamentares na Câmara Federal, nas assembleias legislativas estaduais e nas câmaras de vereadores municipais... Aparece também nas inúmeras sentenças judiciais proferidas pelos doutos juízes de direito país afora. Faz parte de todos os poderes que compõem o Estado, e se distribui nas diferentes escalas de sua abrangência.

Enquanto resposta a esse processo de silenciamento, provocado pela LGBTQIAPN+fobia estrutural brasileira, é que em 1995 se organiza a primeira parada do Orgulho LGBT no Rio de Janeiro, exatamente, em Copacabana. Decorrente da articulação dos movimentos sociais local e global, é que se realizam dois encontros sucessivos com o objetivo de se discutir a situação de vulnerabilidade que essas pessoas estavam submetidas.

Segundo matéria publicada pela Folha de São Paulo, em 12 de fevereiro de 1995, foi fundada em janeiro do mesmo ano, na cidade de Curitiba, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, com o intuito de se organizar politicamente e unificar uma pauta de reivindicações sobre cidadania e saúde, a fim de pressionar os poderes da república. O movimento social organizado nacionalmente, articulou-se também internacionalmente quando promoveu a 17ª Conferência do ILGA – Conferência Internacional Anual de Gays e Lésbicas – em junho do mesmo ano em Copacabana, mais precisamente no então Hotel Rio Palace, reunindo cerca de 1800 pessoas de 40 países. Ao final do evento, foi organizada uma pequena parada.

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

**Figura 1.** Parada LGBT+ Rio de Janeiro, 1995



**Fonte:** Jornal Folha de São Paulo, 26/06/1995. Acervo da ABIA (ICICT/FIOCRUZ), Rio de Janeiro<sup>X</sup>.

Desde então, a orla da Praia de Copacabana passou a ser um território LGBTQIAPN+, onde corpos em dissidência a heteronormatividade passaram a circular livremente, afirmando sua territorialidade a partir do uso cotidiano do espaço. Copacabana se conforma enquanto um lugar rico de simbolismos para a comunidade LGBTQIAPN+ carioca. É palco da maior manifestação festa do Orgulho LGBTQIAPN+ desde 1995, reunindo, em sua última edição, mais de 500 mil pessoas.

Esta territorialidade tem sido atacada desde a ascensão do Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella. Como muito bem apontam Abranches, Marques e Freitas<sup>XI</sup>, as ações do então prefeito foram na direção de retirar verbas de financiamento do evento, com o evidente propósito de silenciamento destes sujeitos. Durante sua gestão (2017-2020), há uma notória tentativa de higienização e apropriação daquele território por parte da Prefeitura. Tal fato coincidiu com a ascensão a presidência do Brasil de Jair Messias Bolsonaro e com a Pandemia de COVID-19.

A ascensão de Bolsonaro marca o acirramento de um período de retrocessos de liberdade de expressão e opressão da diversidade no Rio de Janeiro e no Brasil. Um governo pautado na violência e na maldade se aproveita do período de isolamento da população, para promover a ocupação do território LGBTQIAPN+ por movimentos antidemocráticos e violentos. A usurpação em processo do uso deste território, tradicionalmente marcado por uma diversidade de corpos em práticas socioespaciais cotidianas, culmina com os discursos realizados neste Sete de Setembro.

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

**O Heteroterrorismo enquanto estratégia de usurpação de outros territórios: por uma pedagogia do corpo político e das políticas do corpo**

Ao cunhar o conceito de heteroterrorismo, Berenice Bento<sup>XII</sup> revela, de forma bastante pedagógica, uma gama de ações que os corpos em dissidência da heteronormatividade são expostos cotidianamente. Em uma atitude de denúncia, expõe as tecnologias discursivas que os sujeitos são submetidos com a finalidade de desempenhar papéis de gênero previamente delineados. Possibilidades fora do binarismo de gênero são simplesmente ignoradas. Essa única possibilidade excludente se estabelece enquanto uma verdade dogmática.

Somos atravessados por um conjunto de estruturas que nos coage e reprime, no intuito de impor padrões por meio de parâmetros de comportamento nos espaços públicos e sociais, visando a socialização. Esse conjunto de estruturas de controle em operação é que dá origem ao heteroterrorismo. A invisibilidade e o silenciamento dos sujeitos se apresentam enquanto potentes estratégias terroristas. No interior desta estrutura se encontram determinadas ações violentas, sugerindo certo vocabulário muito particular. Michel Foucault<sup>XIII</sup>, ao tratar do poder disciplinar e da docilização dos corpos, já apresentava uma tecnologia de dominação, baseada na dominação e na padronização. Esta tecnologia se refina ao longo dos tempos. Desta forma incorpora-se ao vocabulário do terror heteronormativo os verbos reprimir, odiar, invisibilizar, silenciar, imobilizar e exterminar.

A tecnologia delineada a partir do heteroterrorismo refina as estratégias de higienização do território e a construção de espaços interditos, empurrando corpos em dissidência de gênero para verdadeiros enclaves no espaço da cidade. A territorialidade desses sujeitos é vivida segundo determinados recortes espaço-temporais, construídos a partir do não reconhecimento da possibilidade da existência do outro. A questão muitas vezes tratada como falta de empatia não traduz a violência a que estes corpos estão expostos. Trata-se de não reconhecimento de sua humanidade.

Como exemplos concretos da ação do heteroterrorismo, a partir da construção de estratégias de repressão de comportamentos divergentes a norma padrão pré-estabelecida, a disseminação do ódio tem o objetivo da promoção inextrincável da invisibilidade e do silenciamento. Tal prática se mostra eficiente quando promove a imobilização do outro, na tentativa da manutenção da vida, e para isto estes sujeitos constroem estratégias de sobrevivência. Muitas vezes, as estratégias estão associadas a promoção da invisibilidade e silenciamentos coercitivos onde os sujeitos LGBTQIAPN+ se submetem a processos de mimetismo, cedendo a padrões heteronormativos, para simplesmente poder circular em segurança nos espaços da cidade.

Enquanto essa pedagogia nefasta vai pouco a pouco se engendrando no seio da sociedade, outro movimento passa a se realizar, inaugurando outra possibilidade semântica e vocabular, a contrapor-se à pedagogia da opressão. Pensa-se numa pedagogia do corpo político, ou ainda numa pedagogia de políticas do corpo. Ambas as possibilidades se apresentam enquanto uma nova gramática, mais complexa e aglutinadora, que se articula a partir de possíveis vocábulos triplos, tais como:

(Co)Existir/Resistir/Visibilizar;

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

Insurgência/Dissidência/Divergência;

Desobediência/Indisciplina(ridade)/Destruição (Explosão-Implosão-Eclusão);

(Re)Nascer/Produzir (Re-Criar)/Emergir;

Representar/Empoderar/Garantir (Legitimar)

As proposições sugeridas remetem à necessidade de melhor conceituar cada etapa apresentada. Acredita-se que a nova gramática já esteja se articulando na prática cotidiana da existência Bixa desses sujeitos. Alguns vocábulos triplos já se encontram em operação, favorecidos por articulações micropolíticas através do exercício de se reconhecer no outro, através da prática da escuta das diferentes falas das diversas identidades que compõem uma existência Bixa. Existência que, como propõe o primeiro tripé vocabular, pressupõe a coexistência dos sujeitos na sociedade, através de uma atitude aguerrida de resistir aos preconceitos e processos excludentes, pela promoção da visibilidade tanto das identidades diversas e múltiplas quanto das violências cotidianas e sistemáticas que assolam os sujeitos LGBTQIAPN+ no Brasil.

Esses tripés se organizam como proposições para aplicação em quaisquer esferas de conhecimento, não apenas transversalmente, mas verticalmente como práticas, metodologias, abordagens e (por que não?) métodos. Visam, diretamente, a reflexão sobre práticas e teorias, comportamentos/hábitos, atitudes/gestos – em suma: discursos como materialidades ideológicas – que passem a dar conta de uma perspectiva inclusiva, múltipla e diversa dos sujeitos em todas as instâncias do conhecimento, a serem observados e mediados, principalmente, nas micropolíticas do poder ou no seu exercício mais localizado em aparelhos ideológicos do Estado (família, religião, escola, entre outros).

Interdependentes e concomitantes, esses trios buscam assentar uma lógica operativa de desconstrução das ideias canonizadas a partir de uma visão que busca descolonizar o corpo, entendido como instância indivisível (corpo + mente), onde ações seriam não mais vistas como o produto de um pensar, mas fazer e pensar como produtos não hierarquizados e simultâneos. Essa noção sobre o corpo permeia muitos estudos e pesquisas em comunicação e cognição na atualidade. Suas implicações políticas são muitas, mas, no que tange o presente argumento, indica-se que pensamentos e ações são processos cognitivos não hierarquizados que, atrelados às proposições militantes dos mencionados tripés articulados, desembocam no entendimento de corpo político e de políticas do corpo.

O fato da coexistência num contexto que leve em conta as diferenças entre as pessoas é o que faz a população LGBTQIAPN+, por exemplo, através de articulações de resistência e disputas territoriais. Pode-se levar em conta como exemplo o contexto educacional, seja a escola ou a Universidade, que se apresenta enquanto espaço transitório de corpos muitos e diversos, inclusive os dissidentes. Percebe-se que o heteroterrorismo exerce papel preponderante de controle dos corpos, em que, todos aqueles que não estão de acordo com os pressupostos heteronormativos masculinos, passam a ser invisibilizados, silenciados ou mesmo expulsos desses espaços.

Nesse sentido, posicionar-se, que geralmente é visto pelo cisheteropatriarcado como afronta, violência e ruptura, apresenta-se enquanto importante mecanismo de resistência, estratégia de sobrevivência através da coexistência e que, por consequência, resulta em visibilidade. Por sua vez, articulando-se como outro tripé, a visibilidade não garante

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

representatividade, mas a impulsiona, trilhando no sentido do empoderamento dos sujeitos para a luta pela garantia dos seus direitos e legitimidade de Ser.

A resistência LGBTQIAPN+ se aproxima da insurgência, quando na sua articulação no movimento de resistência diverge de mecanismos opressores, quando conduz a uma nova consciência da opressão e da necessidade de destruir certos padrões heteronormatizantes. O corpo LGBTQIAPN+ é a materialização da insubordinação, é uma subversão a norma institucionalizada. Constitui-se em uma ameaça para desequilibrar a organização territorial hegemônica, e o simples fato de estabelecer uma trajetória no espaço público, exterior ao enclave a ele destinado, suscita ações de violência LGBTQIAPN+fóbica de diferentes tipologias, desde os olhares de censura, as expressões de nojo e incômodo, as piadas, as agressões verbais, o não respeito ao nome social nas instituições públicas, até a violência física e a extirpação da vida. É nesse poder ameaçador subversivo que se reconhece a importância transformadora da realidade socioespacial desse corpo político.

Avançar em direção a pôr em prática os outros vocábulos triplos se configura como sendo o grande desafio que se apresenta para as pessoas LGBTQIAPN+. Concordando com Rolnik<sup>XIV</sup>, não há saída para os grupos minoritários dentro sistema hegemônico. Até mesmo a boa Bixa, aquela que se insere no sistema quer seja por estratégia de sobrevivência, quer seja porque em seu processo de alienação não consegue se reconhecer na fala das outras desinências sexuais - pois nem sequer se dá ao trabalho de escutá-las e, conseqüentemente, compreendê-las -, não está livre dos processos de opressão difundidos pelo heteroterrorismo. Parafraçando a autora, não há liberdade proporcionada pelo cafetão para quem vive uma vida cafetinada.

### **A nova gramática em curso e a manutenção de territórios**

Trata-se aqui de dois dos vocábulos triplos, que aparecem ainda de forma gestacional. Fala-se da concretização da rebeldia ao heteroterrorismo e a desinterdição do espaço acadêmico como estratégia para a manutenção de territórios. Revela-se uma geopolítica do corpo, fundada nas ações estratégicas provocadas por associações micropolíticas indisciplinadas, que se organizam buscando se posicionar de forma clara e efetiva no espaço qual se adentra, neste caso o universitário.

A indisciplina aqui tratada não faz referência somente a subversão característica a permanência intrusiva desses corpos Bixas, promotores de uma bixisse ímpar, de um modo de vida que confronta e desestabiliza a norma padrão. Faz referência também ao não aprisionamento do corpo desses sujeitos, que os transformaria em reféns de qualquer campo específico do conhecimento.

As questões relacionadas ao corpo Bixa, que se desdobram em uma existência Bixa, que desenham trajetórias e vivências socioespaciais, não podem ser encarceradas a uma área específica do conhecimento. A complexidade que marca a construção desse corpo, construído por camadas sucessivas e superpostas de relações culturais e naturais, não pode ser reduzida, simplificada ou tornada objeto de estudo de algo ou de alguém.

Diante do exposto, parte-se para o entendimento dos eventos ocorridos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos meses de julho e agosto deste ano de 2022, simbolicamente tão importante. Aponta-se a importância do simbolismo não somente devido ao Bicentenário da Independência, mas também a possibilidade do término do (des)governo fascista de Jair Messias Bolsonaro, cuja marca é a necropolítica enquanto gestão do território. Não se pode deixar de

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

fazer referência às ameaças ao estado democrático de direito no reforço ao simbolismo do qual se fala. Na realidade, aponta-se para a manutenção da vida das pessoas heteroaterrorizadas pelo comportamento violento tanto das pessoas que se sentem identificadas pelos discursos do poder Executivo do Estado brasileiro quanto pelo próprio Estado, representado pelo chefe maior do poder Executivo. Trata-se do Estado e não do Poder de Governo, porque o heteroterrorismo nunca deixou de oprimir a população LGBTQIAPN+. No último quadriênio, ele se revelou de forma mais evidente, objetiva e direta, e, portanto, mais fácil de ser percebido.

Este contexto aterrador associado a possibilidade de mudança, proporcionou um movimento de articulação para um pensamento Bixa. Aponta-se o espaço das universidades como casas possíveis para a articulação dessa proposição. Como exemplo, indica-se a UERJ enquanto um espaço propício para a promoção dos encontros estratégicos para a discussão das possibilidades da implosão da estrutura opressora e para a emersão de uma nova realidade, ou, pelo menos, por instalar um real sentimento de possibilidades outras para gerações futuras.

Acredita-se que dois fatores contribuem para o possível protagonismo da UERJ. O primeiro deles se relaciona à tradição no trato com o respeito a diversidade, que vem desde o histórico estabelecimento das cotas. O segundo, tem a ver com a centralidade da universidade, que além de se localizar em uma área central da cidade, em frente ao estádio do Maracanã, é servida por diferentes modais de transporte, possuindo, inclusive, uma estação de metrô e uma estação da linha férrea. Não se pode esquecer da estrutura arquitetônica da universidade, representada por um conjunto de blocos de doze andares interligados por rampas e elevadores, que desembocam no “Hall do queijo”, provocando um verdadeiro encontro multicultural.

Chama-se à atenção para os diversos encontros promovidos no referido espaço universitário, com a finalidade de tratar de questões relacionadas a diversidade sexual no âmbito acadêmico. Dentre eles, aponta-se as rodas de diálogos do GEOCorpo, que têm acontecido no auditório do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Nas duas últimas edições, tratou-se de temas que se vinculam a nova gramática em curso. Os encontros realizados em agosto e setembro de 2022 (vide Figura 2)<sup>XV</sup> contaram na abertura dos trabalhos com a participação de professores universitários, integrantes de movimentos sociais, professores da educação da educação básica, que bravamente conseguiram ocupar espaço em diferentes instituições de ensino superior.

Figura 2. Flyers de divulgação dos encontros promovidos pelo GeoCorpo



O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

Com o objetivo de dar prosseguimento a nova gramática que se delinea, a dinâmica do encontro parte da construção de um lugar de conhecimento e reconhecimento do e no outro. Tem como prática a promoção do desenvolvimento da habilidade da escuta de falas de diferentes lugares, para que se possa, a partir do desenvolvimento da escuta do outro, se estabelecer um diálogo baseado na troca de diferentes saberes, experiências e vivências.

Acredita-se que, a partir desse processo, aumenta-se a possibilidade de associações micropolíticas, que transforma o espaço universitário que hoje se apresenta enquanto um território de lutas severas por estratégias de sobrevivência acadêmica, em um território de possíveis associações que promovam a garantia da permanência das pessoas LGBTQIAPN+ e circulação livre e desinterditada, tanto em espaços públicos quanto privados, da cidade do Rio de Janeiro.

### Considerações

A questão inicial propôs refletir sobre o Estado brasileiro e sobre o Estado do Rio de Janeiro, a partir da pressuposição constitucional do atributo democrático e de direito. Nessa forma de Estado, a soberania popular é da maior relevância e seus poderes constitutivos, a saber, o Executivo, o Judiciário e o Legislativo se harmonizam para a garantia da soberania do povo. Entretanto, na atualidade, há de se questionar tanto essa suposta harmonia no Estado brasileiro – onde o atual Presidente da República e seus apoiadores declaram aparente guerra contra o poder Judiciário – quanto a garantia da soberania popular.

A categoria de “povo brasileiro” não parece estar garantida a todos os sujeitos nascidos, residentes ou reconhecidos como tais pela certidão de nascimento. Ao invés disso, processos de silenciamentos e apagamentos têm sido perpetrados através de ações do Estado, por exemplo, como o não reconhecimento da parcela da população formada por sujeitos que se reconhecem LGBTQIAPN+, pelo chamado Censo “Democrático”.

Ataques à condição de Estado democrático e de direito têm sido, por incrível que pareça, estimulados pelo chefe maior das forças armadas e atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro – vulgarmente e amplamente conhecido como “Bozo”<sup>XVI</sup> pela grande parcela da população que não o apoia. Ainda é mais incrível o fato de que, pela aproximação das eleições para presidência do país, de acordo com as recentes pesquisas de intenção de voto, Bolsonaro conta com um grande capital político, com muitos apoiadores e eleitores.

Em contraposição, entre os eleitores brasileiros, Bozo também conta com grande número de rejeição – o que alimenta esperança para os sujeitos LGBTQIAPN+ serem menos perseguidos, discriminados e assassinados em crimes LGBTQIAPN+fóbicos, uma vez que os sujeitos eleitores e apoiadores de Bolsonaro seguem os valores das suas pautas de costumes, religião e família, tripé que não coaduna com a aceitação da existência, visibilidade e reconhecimento das pautas e dos corpos políticos da população LGBTQIAPN+, simplesmente por desviarem das normas padrões da sociedade cisheteropatriarcal.

Diferente do sujeito que propõe defesa da própria segurança munido de armas, os sujeitos da população LGBTQIAPN+ têm precisado, antes de pedir por segurança, pedir pelo direito de existir e de ser, sem serem exterminados, excluídos e discriminados. Ao invés de segurança pessoal, o sujeito LGBTQIAPN+ pede o direito de ser reconhecido como parte do “povo brasileiro”, não munido de armas, mas ostentando sororidade como participante de uma ética Bixa.

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

A ética Bixa pressupõe união para a força e, nesse sentido – óbvio, mas necessário ter como destaque – reitera o entendimento de ações e ideias como oriundas de corpos politicamente potencializados e cognitivamente preparados por argumentos tecidos dentro de uma lógica que vise o questionamento e o desmantelo de padrões e normas que exortam a invisibilidade e o silenciamento dos sujeitos LGBTQIAPN+, elementos instalados como estratégias coercitivas ideológicas e repressivas cisheteroterroristaspatriarcais.

Reativamente, propõe-se uma nova gramática para lidar com os avanços cisheteroterroristaspatriarcais, onde o corpo político e políticas do corpo são acionadas por trios vocabulares que se ordenam, sem hierarquias, em prol da mencionada união para a força em sororidade bixa. Essa pedagogia do corpo está baseada em tripés listados como proposições para ações, pensamentos, práticas e teorias de quaisquer campos de conhecimento, em proposta indisciplinar.

(Co)Mover-se nesses – ou entre esses - trios vocabulares pode, talvez, garantir efetividade em propostas de desinterdição de espaços públicos e privados, em associações micropolíticas para transformações necessárias, aguerridas na/pela ética Bixa: (Co)Existir + Resistir + Visibilizar; Insurgir + Dissidir + Divergir; Desobediência + Indisciplina(ridade) + Destruição (ou Explosão – Implosão - Eclusão); (Re)Nascer + Produzir (Re-Criar) + Emergir; Representar + Empoderar + Garantir (Legitimar).

Grito: Sou bixa, e daí? Assim sendo, como somos: Lutemos. Com armas pedagógicas e com nossos corpos políticos aguerridos eticamente pela/na sororidade Bixa.

## Notas

<sup>I</sup> Professor Adjunto do Departamento de Artes Cênicas do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB. Vice-coordenador do PROF-ARTES/UFPB. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre e Especialista em Dança pela UFBA. Licenciado em Dança pela FAV-RJ. Líder do ARCOPODER: Estudos e Pesquisas nas Artes do Corpo, Políticas e Poderes. (@arco.poder)

<sup>II</sup> Professor efetivo do Departamento de Teatro da URCA/CE. Doutor em Artes pela UFMG. Professor permanente dos programas de pós-graduação PPGLetras/URCA e do PROF-ARTES/URCA. Líder do grupo de pesquisa DRAGSEXI - Dramaturgia, Gênero, Sexualidade e Identidade. Autor do livro "Transcartografia: Atrizes e atores trans na cena teatral".

<sup>III</sup> Doutor e Mestre em Geografia (UFRJ), tem pós-doutorado em Geografia (UFRJ) e Direitos Humanos (UFPB). É professor associado do Departamento de Geografia Humana do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UERJ) e líder do Grupo GEOCorpo (@geocorpo).

<sup>IV</sup> GENI/UFF - Grupo de Estudos dos novos ilegalismos. A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados. **Relatório final de pesquisa**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://geni.uff.br/wp-content/uploads/sites/357/2021/04/boll\\_expansao\\_milicias\\_RJ\\_v1.pdf](https://geni.uff.br/wp-content/uploads/sites/357/2021/04/boll_expansao_milicias_RJ_v1.pdf).

<sup>V</sup> MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

<sup>VI</sup> VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1, 2019.

O GRITO LGBTQIAPN+ OUVIDO DO RIO DE JANEIRO CONTRA O  
CISHETEROTERRORISMOPATRIARCAL: POLÍTICAS, PODERES E PEDAGOGIAS DO  
CORPO

NETO, A. M. A.

SILVA, J. V. L.

JUNIOR, N. A.

---

<sup>VII</sup> BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença - **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011. p. 549-559.

<sup>VIII</sup> ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 edições, 2018.

<sup>IX</sup> BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

<sup>X</sup> Disponível em: <http://www.portalarrasa.com/2020/07/10/fundador-da-primeira-parada-lgbt-do-brasil-mostra-como-foi-o-evento-em-1995-no-rj/>. Acesso em 09 set. 2022, 19h e 06min.

<sup>XI</sup> ABRANCHES, MARQUES; FREITAS, 2021

<sup>XII</sup> BENTO, op. cit., loc. cit.

<sup>XIII</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2019 (1975).

<sup>XIV</sup> ROLNIK, op. cit., loc. cit.

<sup>XV</sup> Os *flyers* de divulgação dos encontros foram criados e configurados para serem compartilhados e postados nas plataformas de mídias sociais – Instagram, Facebook e Twitter - e aplicativos de comunicação, como o Whatsapp. Eles se encontram postados no perfil do Grupo de Pesquisa GeoCorpo, sob o login @geocorpo.

<sup>XVI</sup> Referência ao famoso palhaço Bozo, que comandava programa dirigido ao público infantil no canal de televisão SBT.